

## **Duelo em Cacilhas**

### **Emídio Navarro e Manuel Vaz Preto**

O duelo era uma prática ancestral de confronto entre duas pessoas, motivadas, em geral, por desagravo à honra, desavenças individuais, familiares, em fações ou grupais, e outros tipos de confronto de cunho fortemente emocional.

Todos nos lembramos dos filmes de capa e espada onde as desavenças eram dirimidas em confrontos pessoais, representando a arte de esgrima um fator de destreza. Quem não se recorda das velhas películas do oeste americano, onde sacar a arma e apertar rapidamente o gatilho era sinónimo de valentia e de capacidade de sobrevivência num mundo selvagem e hostil.

Apesar de Portugal ter sido sempre considerado um país de brandos costumes, também por estas paragens, apesar da lei proibir tais atos, se assistiram a duelos entre personagens consideradas respeitáveis, onde se incluíam grandes vultos da política. As ofensas pessoais continuaram a ser resolvidas por este método, onde a salvaguarda da honra era o primeiro e, praticamente, único objetivo<sup>1</sup>.

O episódio que iremos descrever decorreu em Cacilhas em 2 de março de 1880, opôs o Par do Reino<sup>2</sup> Manuel Vaz Preto Geraldês e o jornalista Emídio Navarro e teve como causa imediata um ataque violentíssimo ao governo do Partido Progressista feito pelo Par do Reino na Câmara dos Pares, tendo tido resposta, não menos feroz, nas páginas do jornal *O Progresso*, por Emídio Navarro, conhecido progressista e apoiante do executivo.

---

<sup>1</sup> Sobre este assunto ver: Artur Portela, *Os grandes duelos em Portugal*, Lisboa, Tipografia Silvas, 1946.

<sup>2</sup> A Monarquia Constitucional portuguesa consagrava um sistema bicamaral, onde existia uma Câmara dos Deputados, eleita pelos indivíduos com capacidade eleitoral e uma Câmara dos Pares, com membros de nomeação régia, em número ilimitado. Os Pares do Reino tinham nomeação vitalícia e o cargo era hereditário. Manuel Vaz Preto herdou o cargo de seu pai, João José Vaz Preto Geraldês, nomeado em maio de 1842.

## As Personagens

Manuel Vaz Preto Geraldês, natural de Castelo Branco, era um conhecido cacique do distrito de Castelo Branco<sup>3</sup>, grande proprietário que utilizava os seus vastos recursos patrimoniais e as suas influências políticas para dominar os círculos eleitorais do distrito de Castelo Branco. Fazia eleger os seus amigos, colocava apaniguados em lugares de destaque na administração pública, influenciava as eleições para a Câmara de Deputados, das câmaras municipais no distrito da sua influência e não havia nomeação de governador civil que não passasse pelo seu crivo. Inicialmente militou no Partido Regenerador, mas em 1875 rompeu com o chefe desta agremiação política, Fontes Pereira de Melo. A partir daqui assumiu-se como um político independente, transformando-se num caso raro na política portuguesa de oitocentos. A sua posição de Par do Reino dava-lhe a independência política necessária, pois não necessitava de garantir a sua eleição e ao mesmo tempo tinha um palco político privilegiado, a Câmara dos Pares. Nos finais dos anos 70 e princípio dos anos 80 da centúria de oitocentos aliou-se ao Partido Constituinte de José Dias Ferreira, aproximou-se de novo dos regeneradores em meados de 80, Para se separar de vez após a morte de Fontes Pereira de Melo, em 1887. Até ao final da sua vida, em 1902, esteve coligado com o Partido Progressista, graças às boas relações com José Luciano de Castro<sup>4</sup>.

Emídio Navarro, natural de Viseu, era licenciado em Direito mas foi no jornalismo que se destacou. Filiou-se no Partido Histórico e fez parte do corpo redatorial do jornal *O País* na década de 70. Em 1876, com o nascimento do Partido Progressista, Navarro participou ativamente na fundação e redação dos jornais *O Progresso* e *Correio da Noite*, ambos progressistas. Em 1885 fundou o jornal *Novidades*. Emídio Navarro foi eleito deputado oito vezes entre 1878 e 1890, sempre nas listas do Partido Progressista e foi ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, entre 1886 e 1889, num governo presidido por José Luciano de Castro. Parlamentar ativo, evidenciou-se pelo seu protagonismo nas sessões plenárias, como orador e interpelante<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Conhecido como o morgado da Lousa. Lousa é uma freguesia do distrito de Castelo Branco onde Vaz Preto tinha a sua quinta e solar onde vivia.

<sup>4</sup> Nuno Pousinho, “Manuel Vaz Preto Geraldês”, in Maria Filomena Mónica (Dir.), *Dicionário Biográfico Parlamentar*, Coleção Parlamento, 2005, Vol. II, pp. 319-321.

<sup>5</sup> Pedro Tavares de Almeida e Miguel Bandeira Jerónimo, “Emídio Navarro”, in Maria Filomena Mónica (Dir.), *Dicionário Biográfico Parlamentar*, Coleção Parlamento, 2006, Vol. III, pp. 36-40.

## **As causas do duelo**

Como vimos Vaz Preto e Emídio Navarro encontravam-se em polos políticos opostos. Em 1880 estava no governo o Partido Progressista e era ministro do Reino José Luciano de Castro. As eleições gerais de 1879 tinham sido muito disputadas em Castelo Branco, onde o governo atacou a hegemonia de Vaz Preto fazendo tudo por tudo para o derrotar no seu próprio feudo. Na reabertura do Parlamento, Manuel Vaz Preto, a 25 de fevereiro, lançou um violento ataque ao governo, acusando-o de ter falseado as eleições e de recorrer a todos os métodos para derrotar os candidatos por si apoiados.

A intervenção de Manuel Vaz Preto foi de tal maneira violenta que Emídio Navarro, no jornal *O Progresso*, não poupou o morgado da Lousa acusando-o de ser um “ôdre de má criação”, afirmando mesmo “*Crêmos que a maioria da câmara electiva terá a cordura suficiente para arredar de si, com o desprezo, que merecem, as insinuações e insolências do sr. Vaz Preto, abstendo-se de lhe dar troco*”<sup>6</sup>.

Perante o artigo do jornal, Manuel Vaz Preto enviou dois amigos à redação do periódico para confirmar a autoria do artigo. Emídio Navarro reconheceu a paternidade do escrito e perante o facto aprazou-se o duelo para o dia 2 de março em Cacilhas, tendo Navarro nomeado padrinhos. Escolheram-se armas, o sabre.

## **O duelo**

O duelo foi preparado com detalhe e o jornal *O Progresso* escrevia no dia 7 de março que a polícia vigiou ativamente os contentores. Os padrinhos, António Enes e Melicio por Emídio Navarro e Francisco Vanzeller e Manuel Caetano Calheiros por parte de Vaz Preto, e os médicos, embarcaram em diferentes cais para um vapor que estava no Tejo de propósito para os conduzir a Cacilhas<sup>7</sup>.

Aparentemente a contenda previa-se desigual, do ponto de vista da destreza na arte da esgrima. Manuel Vaz Preto era um exímio caçador e sabia jogar ao pau, contava com um excelente golpe de vista e o pulso firme. Navarro não possuía essas qualidades, gostava de dirimir as contendas a murro, faltava-lhe serenidade. Muito feroz, mandara afiar as suas espadas ao armeiro Imberton, na rua do ouro.

---

<sup>6</sup> Jornal *O Progresso*, n.º 932 de 26 de fevereiro de 1880.

<sup>7</sup> Idem, n.º 941 de 7 de março de 1880.

Segundos as fontes, o duelo terá durado 45 minutos. Enquanto as testemunhas explicavam as condições do prélio aos combatentes, o Dr. Joaquim Telo, médico de Navarro, de combinação com o seu colega que acompanhava Vaz Preto, foram-se às espadas e roçaram-lhe os gumes e as pontas com dois calhaus, tornando-as menos perigosas.

Iniciada a contenda, Navarro pretendia ferir o seu oponente de qualquer forma. Vaz Preto mantinha-se calmo e o seu único objetivo era desarmar o seu oponente por quem tinha simpatia e até admiração. Fruto da sua experiência do jogo do pau, defendeu-se com grande denodo dando valentes pranchadas no ombro de Navarro, conservando sempre a serenidade, apesar de ficar ferido na mão direita.

Ao fim de três quartos de hora, e com o braço de Navarro em sangue, deu-se por findo o duelo. Vaz Preto sentiu alívio por não ter ferido com gravidade o seu oponente mas Navarro insistia em combater apesar do inchaço no braço<sup>8</sup>.

Após os curativos considerou-se que a honra tinha sido lavada. Emídio Navarro deu explicações a Vaz Preto que lhe estendeu a mão muito comovido, elogiando-o e agradecendo-lhe o seu brioso procedimento. Os adversários reconciliaram-se e Navarro passou a falar de Vaz Preto com afetuosa consideração<sup>9</sup>.

Este episódio caricato mostra bem como ainda em pleno século XIX os duelos representavam uma forma de manter a honra intacta. Não existia, pelo menos neste caso, a intenção de tirar a vida a ninguém, antes representava um momento de desagravo. Também assim se fazia política no século XIX, no país dos brandos costumes.

Nuno Pousinho.

Professor de História da Escola Secundária Cacilhas-Tejo entre 2009-2013.

Investigador do IHC-FCSH/UNL

---

<sup>8</sup> Eduardo de Noronha, *Vinte e cinco anos nos bastidores da política. Emídio Navarro e as “Novidades”*. *A sua vida e a sua obra política e jornalística*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1913, pp. 79-82.

<sup>9</sup> Jornal *Diário da Manhã*, 7 de março de 1880.